

Exotização e hostilidade em *Um ano na Argélia, excursões e souvenirs* (1887)

Exotization and hostility in *A year in Algeria, excursions and souvenirs* (1887)

Camila Dazzi

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Brasil;
PPGTURPATRI/ Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
camila.dazzi@cefet-rj.br
<https://orcid.org/0000-0002-3246-354X>

Resumo

Os relatos turísticos ilustrados sobre os territórios colonizados pelos franceses no Norte da África difundiram, por meio de imagens e textos, estereótipos que definiram seus habitantes como “bárbaros”, “apáticos” e “sensuais” – dentre outros adjetivos nada enaltecidos – e contribuíram para justificar o colonialismo supostamente civilizador das grandes potências europeias. Partindo dessa premissa, o artigo apresenta a análise do relato de viagem *Um Ano na Argélia*, escrito em 1887 pelo francês M.-J. Baudel. Nossa análise da obra, que compreendeu textos e imagens como discursos – tal como o conceito é pensado por Michel Foucault – nos conduziu à conclusão de que os relatos turísticos de viagem revelam como hostilidade e hospitalidade se confundem e se misturam nesses relatos ilustrados destinados a estimular os viajantes, tornando-se essa imbricada relação entre colonizadores e colonizados parte relevante da constituição do imaginário turístico sobre os territórios colonizados.

Palavras-chave: Relatos turísticos ilustrados; colonialismo; imaginário turístico.

Abstract

Illustrated travel accounts about the territories colonised by the French in North Africa spread, through images and texts, stereotypes that defined their inhabitants as “barbaric”, “apathetic”, and “sensual” – among other adjectives that are not at all flattering – and contributed to justifying the supposedly 'civilising' colonialism of the great European powers. Based on this premise, the article analyses the travel report *Un An à Alger, excursions et souvenirs (A Year in Algeria, Excursions and Memories)*, written in 1887 by the Frenchman M.-J. Baudel. Our analysis of the work, which understands texts and images as discourses, following the conceptualisation of Michel Foucault, leads us to the conclusion that the illustrated travel accounts reveal how hostility and hospitality are confused and mixed in these reports destined to encourage travellers, making this intertwined relationship between colonisers and the colonised a relevant part of the constitution of the tourist imaginary about the colonised territories.

Keywords: Illustrated travel accounts; colonialism; tourist Imaginary.



1. Introdução

Je caressais depuis longtemps le désir secret de visiter cet Orient qui n'apparaît à nos imaginations que dans un nimbe d'or et de lumière, et dont les peintres et les poètes nous ont révélé les aspects et décrit les enchantements. (M.J Beudel, 1887: 1)

Se desde inícios do século XIX as obras de arte orientalistas motivaram viajantes europeus a conhecerem um Oriente repleto de mistérios e encantos, povoado por sensuais odaliscas e ferozes chefes tribais (Dazzi, 2021), não menos importantes, nesse sentido, foram os relatos turísticos ilustrados, que diferente de outros relatos, como os realizados com fins científicos ou exploratórios, possuíam propósitos puramente turísticos (Carcreff, 2017: 62). O surgimento dos relatos turísticos de viagem é um fenômeno específico de finais do Oitocentos, e se explica pelo desenvolvimento e amadurecimento do turismo moderno que testemunhou uma verdadeira explosão no período. Tais relatos, além de narrar em primeira pessoa as impressões e aventuras de seus escritores, o que, por si só, possuía um grande apelo, também contavam com elementos que instruíam potenciais viajantes sobre o que esperar e como se comportar nas terras exóticas que visitariam, “apaziguavam a inquietação diante do desconhecido e reafirmavam a superioridade de sua própria civilização”. (Hastaoglou-Martinidis, 2003).

Figura 1: *The Blond Abroad. Is Morocco Safe for Female Travelers?* 2020 e **Figura 2:** Carl Haag: *A Bedoueen Family*, 1859, 50.1x34.9 cm.



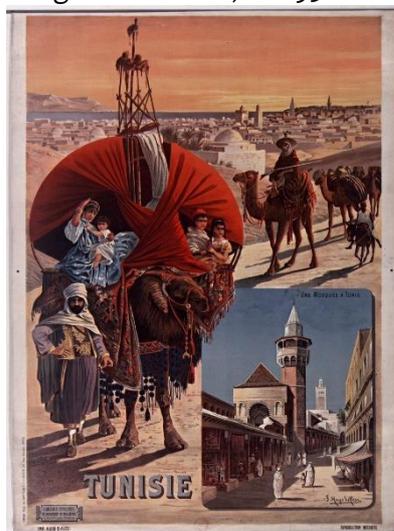
Fonte: theblondabroad.com/ultime-te-marocco-travel-guide e christies.com

Muitos desses relatos turísticos narravam viagens feitas aos territórios colonizados pela França no Norte da África. Sempre recheados de imagens de um mundo pitoresco e exótico, eles impulsionaram o turismo nas colônias e igualmente contribuíram para a constituição de imaginários turístico sobre os territórios dominados. No presente artigo, partimos da premissa de que resquícios desses imaginários turísticos ecoam até os dias atuais, ainda que por vezes ressignificados (Figuras 1 e 2), e que, portanto, compreendê-los faz parte de um

exercício importante para o entendimento de como as antigas colônias francesas são turisticamente imaginadas na contemporaneidade (Dazzi, 2021).

É forçoso lembrar que tanto as obras de arte como os relatos turísticos de viagem ilustrados e outras produções visuais sobre o Oriente que circularam na Europa, no decorrer do século XIX, foram realizadas pelos colonizadores. Ou, ao menos, a quase totalidade delas.¹ A Europa de finais do século XIX é abundante em obras de pintores orientalistas, mas, igualmente, em imagens turísticas de seus territórios colonizados, muitas delas feitas por artistas mais ou menos renomados, como suntuosos cartazes das companhias marítimas, coloridas propagandas de estradas de ferro, cartões postais, guias e relatos turísticos ilustrados (Figura 3).

Figura 3: Frederic Hugo D'Alesi (1849-1906): Tunisie.
Litografia colorida, c.1895.



Fonte: gallica.bnf.fr

Na produção visual realizada no século XIX pelos colonizadores sobre os colonizados, está sempre presente, em maior ou menor medida, uma percepção racista e eurocêntrica de mundo, segundo a qual os habitantes eram julgados com base no darwinismo social que vigorava então (Sadeghi & Royanian, 2016). Seguramente que tal percepção gerou imagens que mascaram, sob a rubrica de pitoresco, uma hostilidade contra os povos representados. E dificilmente poderia ser diferente: no século XIX o racismo ganhou o status de ciência, e pautou a convicção de que os europeus “havia alcançado o apogeu da existência humana e eram dotados pelo Criador de qualidades e atributos ausentes em outros seres humanos inferiores.” (Huttenback, 1973).

Essa pretensa superioridade era enaltecida, exaltada e alimentada por meio de ações, escritos e imagens de uma carga hostil, nos quais os colonizados eram representados como inferiores, bestiais, subalternos por natureza, destinados à derrota e possuidores de uma incapacidade atávica. E se tais imagens são, por vezes, tão fortemente atraentes ao olhar,

¹ Uma exceção é a produção orientalista do reconhecido artista turco Osman Hamdi Bey, autor de telas como *O Treinador de Tartarugas* (1906), pertencente ao acervo do Museu Pera, em Istambul. Para maiores informações, consultar o site da instituição: <<http://peramuseum.org/artwork/the-tortoise-trainer/15/92>>.

isso decorre em função do “Eu” europeu e colonizador ter transformado o “Outro” em algo exótico (Dazzi, 2022b). Fascínio e repulsa, assim, caminharam lado a lado.

No presente artigo, buscamos lançar luz sobre a imbricada relação entre imaginário turístico, exotismo e hostilidade nas colônias francesas norte africanas, com especial foco na Argélia, que, após inúmeras batalhas sangrentas, foi tomada pela França em 1830. Para tanto, após apresentarmos ao leitor alguns dos principais conceitos utilizados no trabalho, de modo a relacioná-los com o tema em questão, abordamos com especial atenção o relato turístico ilustrado *Un an à Alger, excursions et souvenirs* (1887). Em nossa análise, buscamos demonstrar que a hostilidade entre colonizadores e colonizados é reverberada nas imagens e textos dos relatos turísticos, colaborando na construção de um imaginário nocivo sobre o Magrebe.

2. Hostilidade, exotização e turismo

O processo de dominação colocado em prática pela França na Argélia foi extremamente brutal. Estima-se que até mais de um terço da população local foi morta em cerca de 30 anos, entre 500.000 e 1 milhão de pessoas, entre 1830 e 1850. Tal matança se deveu à estratégia de *razzia* utilizada pela França para garantir o sucesso da campanha (Gallois, 2013). São muitos os relatos dos horrores cometidos pelo exército francês, dentre eles a morte de mulheres e crianças, decapitações e desfiles de cabeças enfiadas em baionetas e atos de violência sexual (Sessions, 2009).

É quase impossível conjecturarmos a possibilidade de franceses, ou europeus de um modo geral, visitarem o Norte da África nos anos que se seguem ao período mais intenso do processo de dominação e se sentirem confortáveis em um ambiente de hospitalidade. O que nos é possível, sim, é imaginar o clima de hostilidade que havia entre as populações locais e os franceses – infelizmente tais vozes colonizadas foram silenciadas, e seus relatos são de difícil acesso.

É impraticável, desse modo, concebemos uma cena como a pensada por Kant, em *Perpetual Peace*, de 1795 (1983), quando o filósofo refletiu que a hospitalidade se encontra, por exemplo, em situações de descontração, na “conversa jogada fora”, nos momentos de total desinteresse entre visitantes (em nossa análise os colonizadores) e moradores (compreendidos por nós como os colonizados). Se em muitos contextos o estrangeiro sofre um estigma, sendo ele, como recém-chegado sempre hostilizado, como defende Nobeit Elias, em *The established and the outsiders* (1965), em uma situação de dominação brutal pautada no racismo, a hostilidade, cremos, é recíproca, ainda que diferente em essência, uma vez que sempre baseada em relações de poder. E o Turismo, e mais especificamente os relatos ilustrados do século XIX sobre a Argélia, revelam múltiplas formas de compreensão dessas hostilidades - ressaltando aqui que o preconceito e o racismo, estejam eles nos escritos, nas imagens ou nas ações postas em prática pelos colonizadores, são por nós compreendidos como formas de hostilidades.

Interessar-se, enquanto pesquisador, pelo turismo em uma situação colonial, portanto, não é algo banal, como bem coloca Colette Zytnicki, em *Bienvenue en Algérie coloniale!* (2013). Afinal, a atividade turística e o colonialismo são ambos produtos do Imperialismo.

Tanto a colonização quanto o turismo tomam posse de um território para explorá-lo. Os dois fenômenos obviamente não são da mesma ordem. A colonização é uma dominação violenta que na maioria das vezes começa com uma conquista, enquanto o turismo é uma apropriação simbólica de um país. Mas, em ambos os casos, há uma forte vontade de controlar, até mesmo de possuir, uma região do mundo. (Zytnicki, 2013, s.p.).

Não se trata de um erro, portanto, a noção de que existe um projeto que liga a colonização ao turismo. A conquista militar da Argélia, nos diz Zytnicki, foi seguida, de modo quase concomitante, pela “implantação de infraestruturas destinadas a supervisionar, administrar e manter os país conquistado” e pela abertura do território ao turismo (Zytnicki, 2013, s.p.). A indústria do turismo na Argélia tomou impulso quando as estruturas políticas ainda não estavam, sequer, plenamente consolidadas, tendo sido fomentada pelas autoridades coloniais (Zytnicki & Kazdaghli, 2009). Os colonizadores tinham por objetivo tornar os territórios colonizados conhecidos e atraentes, de modo a promover o turismo, visto, então, como um novo setor de negócios que atraía investimentos, agenciava melhorias de infraestrutura e estimulava o crescimento (Isnarte, Mus-Jelidi & Zytnicki, 2018). Os relatos turísticos ilustrados, desse modo, serviam aos propósitos imperialistas, contribuindo para tornar a Argélia um dos principais destinos turísticos europeus (Manai, 2018), além de enaltecerem em suas páginas as inúmeras melhorias implementadas pelos Governos coloniais.

Relatos turísticos dotados de ilustrações artísticas, como *L'Algérie contemporaine illustrée* (1881), escrito pela Baronesa Mary Elizabeth Herbert, *A travers l'Algérie* (1884), do Dr. L.-M. Reuss, *Impressions de voyage: Algérie et Tunisie* (1900), e *Notre voyage en Afrique (Algérie, Tunisie, Maroc)* (1928), escrito pela Duquesa de Vendôme,² são somente alguns exemplos de um vasto número de publicações realizadas entre a segunda metade do século XIX e início do século XX, que contribuíram para a construção de imaginários turísticos sobre o Norte da África e seus habitantes. Construído pelo colonizador, esses imaginários das “Mil e Uma Noites” são propagadores, em verdade, de uma percepção desses locais como exóticos, sim, mas ao mesmo tempo hostilizam os colonizados – uma vez que os inferioriza, objetifica e exotiza. E o potencial dos relatos turísticos por nós mencionados está, sobretudo, no fato de contarem com ilustrações que acompanham a parte textual.

Bom exemplo do tom hostil, mas ao mesmo tempo deslumbrado, adotado pelos europeus ao descrever Argel é o *Guia Joanne*, de 1862, para o qual a cidade, com o seu “tipo mourisco”, apresentava “o mais bizarro, [e] o mais estranho quadro que se pode imaginar” (Piesse, 1862: 5). A hostilidade colonizador-colonizado, no entanto, é recíproca. M.-J. Baudel, em um trecho de *Un An à Alger, excursions et souvenirs*, se sente desconfortável ao caminhar, sem rumo certo e de modo solitário, pelas ruas da antiga Argel:

² Os relatos turísticos mencionados se encontram disponíveis na Gallica, biblioteca digital da Biblioteca Nacional da França.

Depois de vagar por muito tempo neste labirinto, de ter subido muitas vezes, de ter deparado com vários becos sem saída [Baudel se sente perdido], chego a uma espécie de plataforma [...]. Árabes, judeus, mouros, todos se voltam para mim. Com efeito, neste ambiente oriental, com as minhas roupas europeias, o meu chapéu de seda, tão inadequado ao clima e à paisagem, *pareço um intruso*. (Baudel, 1887: 32-34, ênfase adicionada).

Ele se percebe como o *outsider*, o intruso, aquele que está descontextualizado, ou seja, Baudel se sente hostilizado. Percebe que chama a atenção dos moradores locais, e se torna ele próprio um objeto exótico, pois naquele contexto ele é o “Outro”, o colonizador.

De um modo geral, as imagens contidas nos relatos turísticos dispensam facilmente qualquer texto explicativo. Os habitantes das colônias são apresentados de modo caricatural, arrancados de seu contexto para ilustrar um exotismo fortemente tingido de racismo. Dentre ‘tipos’ daquele momento, são os preferidos: os mendigos, os selvagens chefes tribais, os artesãos e os vendedores ambulantes, as belas e fatais mouras e os fanáticos religiosos a recitar o alcorão. Essa iconografia ligada ao turismo, simultaneamente atraente ao olhar, mas estereotipada e preconceituosa, “atravessou o Mediterrâneo” e serviu para reforçar o imaginário deturpado e negativo que os estrangeiros tinham dos argelinos (Garcia, 1984: 149).

A percepção de que as populações dos territórios dominados eram inferiores constituía-se em uma das principais desculpas para as invasões coloniais do século XIX, e os relatos turísticos ilustrados contribuíram para construir e perpetuar essa percepção. Parafraseando Eduard Saïd (1994), podemos dizer que os relatos turísticos foram escritos por homens e mulheres que deixavam clara as suas autopercepções como brancos europeus civilizados. A ideia de civilização, tão em voga no século XIX, e que justificava a intervenção junto a um povo para tirá-lo de sua suposta condição primitiva e colocá-lo no caminho das ideias e dos costumes (Schaub, 2015), não inviabilizava, no entanto, que esses viajantes da elite se sentissem fascinados por hábitos e costumes, então vistos como selvagens, sendo os mesmos os mesmos alvos de um grande e genuíno interesse.

Mas não se trata de algo exclusivo dos relatos turísticos ilustrados. Essa percepção hostil dos habitantes dos territórios colonizados pelos franceses vigorava nos meios intelectuais, literários e artísticos francês do século XIX (que por muitas vezes eram um só meio). Não por acaso, a dissimulação, a preguiça e a incapacidade atávica, juntamente com outras características como a animalidade, aparecem nas descrições contemporâneas da exótica Argélia, inclusive na fala de figuras relevantes que visitaram o Norte da África, como Theophile Gautier, escritor e crítico de arte francês, que esteve na Argélia, em 1845, e retratou os clientes de um pitoresco café árabe como semelhantes a animais:

[...] agachados ou deitados em poses bestiais pertencentes mais a quadrúpedes do que a homens [...] mulatos em todos os graus possíveis, velhos beduínos de barbas brancas, com uma tez de couro cordovês [...] todos estavam envoltos em nobres trapos de uma perfeita sujeira, mas usados com uma majestade digna de um imperador romano. (Gautier, 1865: 37-38).

A fala de Gautier, nos parece, é marcada pela ironia e o desprezo. Mas, simultaneamente, por um ‘quê’ de admiração. Ao mencionar que os árabes, mesmo envoltos em trapos sujos,

possuem a altivez de um “imperador Romano”, ele os ridiculariza, mas igualmente reconhece certa nobreza na postura “altiva” desses homens de pele escura. É necessário aqui ressaltar que os propósitos dos escritos de Gautier e Baudel são bastante diversos. Gautier é um escritor renomado, conhecido pelo tom ácido de suas críticas. Ele não se dirige, como faz Baudel, especificamente para possíveis futuros viajantes. Seu público é mais amplo, diversificado e ávido por tiradas de sabor acre.

O tom hostil de Baudel é muito mais singelo, está nas nuances, e, precisamente por isso, possivelmente mais ardiloso. Vejamos o relato que Baudel faz de um café argelino em *Un An à Alger*: “o café é o refúgio dos **ociosos e preguiçosos**. [...] Fomos hoje ao café mouro. [...] É um espetáculo curioso ver esses árabes permanecerem horas inteiras nesse silêncio e nessa **imobilidade**. [...]” (Baudel, 1887: 52, ênfase adicionada).

O olhar de superioridade do colonizador, que via as populações locais com um misto de fascínio e repulsa, demarca um crescente movimento de hostilidade contra o “Outro”, delineado pelo inevitável processo de exotização de sua história e de sua cultura. Em verdade, cremos que a exotização é uma consequência da hostilidade dirigida aos povos colonizados, pois, cabe elucidar, o exótico não é algo que existia a priori a sua “descoberta” pelos colonizadores. É o próprio ato da “descoberta” que produz o exótico como tal. Em outras palavras, o exótico é o produto de processos de exotização. Como coloca Jean-François Staszak, no artigo *Qu'est-ce que l'exotisme?* (2008), “o exotismo não é característico de um lugar ou objeto, mas de um ponto de vista e um discurso sobre eles”, ele é um processo de “construção geográfica da alteridade própria do Ocidente colonial, que mostra um fascínio condescendente” (Staszak, 2008: 7) pelos povos colonizados do então dito Oriente.

E o quanto essa hostilidade afeta a percepção que os turistas tinham – e seguem tendo – do Norte da África? O grande problema a ser enfrentado, depois de diagnosticado, é o fato de que os discursos visuais e escritos oitocentistas sobre o Magrebe, por mais estereotipados e dicotômicos que sejam, são difíceis de desfazer, pois, como argumenta Eduard Saïd, no livro *Culture and Imperialism* (1994), novas produções imagéticas sobre um destino estão mais ligadas a um discurso já estruturado do que a uma experiência primária no próprio destino. O imaginário turístico sobre um determinado local e seus habitantes, portanto, é formado a partir da “lenta sedimentação de imagens que em alguns casos se desenvolveram desde o início do surgimento do turismo do local” (Gravis-Barbar & Graburn, 2012: 7). Deste modo, os imaginários turísticos são responsáveis, em grande parte, por despertar nos indivíduos o desejo de visitar determinados lugares, pois os tornam atraentes, muitas vezes por via da exaltação de elementos exóticos (Staszak, 2008).

Como coloca Noel Salazar (2010), devido à natureza intangível dos imaginários turísticos, a única maneira de analisá-los é por meio dos múltiplos canais pelos quais eles passam e se tornam visíveis na forma de imagens verbais e não verbais (Salazar, 2010) – como os relatos turísticos ilustrados, por exemplo. Ao estudarmos os imaginários turísticos por meio de seus canais devemos ter em mente, segundo Salazar, de que eles nunca são neutros. Muito pelo contrário, eles “renegociam realidades políticas e sociais” e sua análise crítica oferece um “poderoso dispositivo de desconstrução dos estereótipos e clichês ideológicos, políticos e socioculturais que operam no turismo” (Salazar, 2015: 2). Analisar tais relatos

turísticos de escritos pelos colonizadores sobre os territórios colonizados nos permite reconhecer e, portanto, renegociar – como propõe Peter Mason (1998) - preconceitos que, com o passar das décadas, se tornaram inerentes às imagens turísticas sobre esses destinos.

É possível, assim, afirmar que os imaginários turísticos ecoam hostilidades herdadas e historicamente pautadas em mitos e fantasias coloniais, e propagam discursos de ódio disfarçados por pátinas de exotismo. As ilustrações e textos presentes nos relatos turísticos moldaram e direcionaram imaginários turísticos, e suas continuidades podem ser percebidas ainda hoje (Dazzi, 2022a).

3. Um ano na Argélia – excursões e souvenirs

No presente artigo, nos deteremos, com particular atenção, em analisar as representações dos argelinos tais como constam no relato turístico ilustrado *Un An à Alger, excursions et souvenirs*, escrito por M.-J. Baudel sobre a sua estadia de um ano na Argélia em 1886.

Muito pouco se sabe sobre M.-J. Baudel. As poucas informações que conseguimos levantar, algumas delas presentes no próprio relato do autor, nos informam que em 1886 ele viajou a trabalho para a Argélia, acompanhado pela família, composta pela esposa e dois filhos. *Un An à Alger* não é o seu único livro publicado, o autor escreveu igualmente *Siège de Cahors - 1580* (1878), *Notes pour servir à l'histoire des Etats provinciaux du Quercy* (1881) e *L'Ecole Centrale du Lot: 1796 – 1804* (1888). A julgar pelos assuntos tratados nos livros, Baudel provavelmente era historiador (diletante?), e em mais de uma de suas publicações ele se identifica como “Officier de l'instruction publique” ou “Officier d'académie, censeur au Lycée de Nice”.³

Figura 4: Reprodução da famosa tela *Noce Juive*, de Eugene Delacroix, *Un An à Alger* (1887: 101).



Fonte: gallica.com.

O grande diferencial do *Un An à Alger* é o fato de o relato turístico ter sido parcialmente ilustrado com gravuras baseadas em pinturas conhecidas e desenhos de artistas orientalistas de grande renome, como Delacroix e Fromentin (Figura 4), diferente de outros relatos

³ Os livros se encontram disponíveis na Gallica, biblioteca digital da Biblioteca Nacional da França.

ilustrados pelos próprios autores, como o *Notre voyage en Afrique*, da Duquesa de Vendôme, ou por artistas de menor renome, feitas muitas vezes exclusivamente para as publicações, como é o caso de *L'Algérie contemporaine illustrée*, da Baronesa Mary Elizabeth Herbert.

O relato turístico de Boudel possui 206 páginas e foi dividido em trinta curtos capítulos que englobam desde a sua viagem de ida a Argélia através do Mediterrâneo ao seu regresso para a França. Os capítulos englobam variados tópicos, como a arquitetura árabe, a administração colonial, a geografia local e excursões turísticas que Baudel realizou, como as feitas a Blida e Mitidja. Mas os capítulos sobre os quais nos debruçaremos nesse ensaio versam sobre os ditos tipos locais, os quais Baudel subdivide em: berberes, kabiles, árabes, mouros, mestiços, negros e judeus.

É com essas palavras que o francês começa o capítulo intitulado “Berberes”, deixando bastante explícita a sua compreensão racial dos argelinos:

A população da Argélia é **singularmente mista**. É dividida em **duas raças principais**: a raça europeia e a raça indígena. Esta última inclui seis elementos: três principais, os berberes, os árabes e os israelitas; e três secundários, os mouros, os *coulouglis* e os negros. Estudaremos cada um [desses seis elementos] por sua vez. (Baudel, 1887: 70, ênfase adicionada).

O racismo de Baudel é proporcional ao processo de exotização. Dentre os berberes, o autor destaca os kabiles, compreendidos por ele como os berberes que ocupam as “montanhas costeiras”. Em função da aparência física ‘mais branca’ dos kabilas, Baudel os aproxima dos europeus e percebe neles uma maior tendência a se adaptarem aos hábitos e costumes franceses. Diz ele:

o berbere, ou melhor dizendo o kabila, é o que mais se aproxima, na compleição, no formato do rosto, na cor do cabelo, do tipo europeu. Vista um kabila de raça pura no estilo francês [...] se é louro, - porque há kabilas louros -, [parecerá] um [habitante] de Lorraine⁴. [...] De todos os muçulmanos argelinos, por seu apego ao solo, seus hábitos de ordem e economia, seu ardor no trabalho, seu desejo de aprender, o kabila é certamente o mais fácil de assimilar. Ele não é esquivo como os nativos que vivem em tendas; pode-se exercer sobre ele uma ação contínua [...] o dia em que o fanatismo estreito der lugar a ideias de tolerância, nossos hábitos e costumes dominarão nestas regiões ricas e pitorescas [das montanhas costeiras]. (Baudel, 1887: 71-77, ênfase adicionada).

O autor segue tecendo elogios aos kabiles, afirmando, inclusive, que eles são mais civilizados, pois as mulheres “[kabile] são mais livres do que as mulheres árabes: podem comer na presença do marido, mostrar-se com o rosto descoberto, entrar livremente na aldeia e encontrar-se na fonte”. (Baudel, 1887: 77).

⁴ Região da França próxima à fronteira com os então Estados Alemães.

Figura 5: Retrato jovem mulher kabile com joias, ilustração de Un An à Alger, excursions et souvenirs.



Fonte: gallica.com.

Acompanhando a passagem sobre os kabilas está uma gravura de uma jovem (Figura 5) que em tudo corresponde aos desejados padrões de beleza europeus da época (Smith, s.d), e que cujo rosto destampado nos permite vislumbrar: lábios carnudos, um nariz pequeno e ligeiramente empinado e olhos amendoados. Mas a enaltecida aproximação com os europeus é deixada de lado na imagem escolhida para ilustrar a passagem, ricamente adornada, como ela está, com artefatos tribais e características como a pele morena. Na gravura, a jovem kabila é descontextualizada da sua realidade cotidiana ao ser colocada sob o prisma da sociedade ocidental. O artista realiza esse processo ao isolar a figura feminina de todo que lhe é corriqueiro, criando uma espécie de ícone diferente e estranho. Desse modo, por mais ‘bela’ que a mulher da imagem nos possa parecer, fato é que também na construção de sua imagem há uma carga dissimulada de preconceito, e assim sendo, de hostilidade, no sentido de que o “Outro” só pode ser aceito quando transformado em objeto exótico de desejo.

A fala mais hostil de Baudel é direcionada aos negros, que em sua percepção são dóceis, burros, alegres e supersticiosos. O autor explica que a presença dos negros do Timbuktu na Argélia se deu em função das relações ativas e contínuas que a Argélia possuía com o Sudão. Ao mesmo tempo em que o francês avilta os negros, ele os torna exóticos, e ambos os processos são frutos da hostilidade do colonizador em relação aos colonizados. E no caso dos negros trata-se de uma hostilidade ainda mais acentuada – lembremos que a abolição somente foi instituída em território francês em 1848. Baudel nos relata que “de preferência, [os negros] praticavam ofícios que exigiam pouca atividade intelectual e muita força física”. Nos diz ele: “são operários, pedreiros, marinheiros, carregadores. [Já] as negras [...] vendem bolos e pãezinhos nas esquinas [...]”. Os negros, assim, não possuem capacidade intelectual, mas são fortes e resistentes. E mesmo que enfrentando inúmeras dificuldades, mantiveram seu “temperamento descontraído e alegre” (Baudel, 1887: 96-99). A fala de Baudel é muito similar àquela que será defendida por autores que tratavam da eugenia e do higienismo no Brasil na passagem do século XIX para o XX (Stancik, 2005).

Baudel exotiza os hábitos e costumes negros, com um misto de fascínio e asco, ao narrar que durante as festas francesas ou muçulmanas, “[os negros] começam a vagar pelas

ruas, fazendo com seus bumbos, seus tambores [...] um barulho tão ensurdecedor quanto pouco melodioso [...]”, e prossegue o francês, “são [...] palhaçadas e contorções epiléticas. E eles francamente se divertem com esses exercícios violentos e essa música raivosa. É um prazer vê-los, por alguns momentos [...] pulando [...] e mostrando em um largo riso seus dentes perolados e seus rostos radiantes” (Baudel, 1887: 96-99).

Se em geral, os trechos por nós selecionados da obra de Baudel para o presente artigo possivelmente não sejam suficientes para caracterizar uma visão hostil do autor em relação aos argelinos, seria importante ficar claro que a hostilidade, a curiosidade e a exotização caminham lado a lado na obra do autor e não se excluem. Para se ter uma noção plena da mistura de fascínio e preconceito que Baudel dedica aos argelinos, seria necessário, de fato, ler todo o seu relato turístico. Destacamos aqui, no entanto, um pequeno trecho elucidador.

Não menos estranho, mas mais revoltante é a visão de suas superstições. Todas as quartas-feiras de manhã, na estrada de Argel a Saint-Eugene, encontramos grupos de mulheres e crianças. Dirigem-se para a praia, num local chamado Seba-Aïoun (as sete fontes), levando as galinhas destinadas ao sacrifício. Eles invocarão os bons espíritos e afastarão os maus. As negras são as sacerdotisas deste culto. Depois de tirar alguns grãos de incenso ou benjoim de um fogão, cujo vapor deixam respirar aqueles que os consultam, eles agarram uma galinha, cortam sua garganta pela metade e a jogam na areia. Se a vítima chegar ao mar, o sacrifício agrada aos espíritos, os enfermos serão curados, os desejos serão realizados. Se, ao contrário, morrer na areia, a oferenda deve ser renovada. (Baudel, 1887: 96, ênfase adicionada).

O fascínio pelo ritual somado à revolta sentida pelo sacrifício animal nos revela que o “olhar” de Baudel é o do turista curioso, sim, mas também a do branco europeu colonizador e racista, que vê tais práticas como merecedoras de serem combatidas (como foram, de fato, os cultos de matriz africana em praticamente todos os países colonizados, ao longo de séculos, inclusive o Brasil) (Fernandes, 2017). É necessário, portanto, ter cuidado ao lermos os relatos turísticos ilustrados ao Norte da África. É muito fácil se deixar seduzir pelas narrativas dos viajantes franceses, buscar em suas falas possíveis formas de denúncia de uma realidade cruel. Mas não nos enganemos, para Baudel o processo de colonização é necessário não só pelas vantagens econômicas que traz, mas pelo seu caráter civilizatório.

A imagem que acompanha a percepção de Baudel sobre a presença dos negros na Argélia, no entanto, não possui nada de alegre e festivo. Trata-se de um retrato do trabalho braçal e nada intelectual exercido pelos negros na Argélia. Trata-se de uma mulher de pele bem escura, cujo rosto – muito diferente do da jovem kabila – é contorcido e caricatural (Figura 5). A mulher está pobremente vestida, com uma faixa esfarrapada amarrada à cintura, calçando sapatos de tecido que parecem frouxos pelo demasiado uso, estando totalmente destituída de ornamentos e joias. Completando o conjunto, está uma cesta de palha de aspecto sujo e o tabuleiro com os bolos que ela está a vender. Até mesmo a sombra que a mulher projeta é demasiadamente escura, não sendo essa uma escolha inocente do artista – nunca é.

Figuras 6 e 7: Nègresse marchande de gateaux e Mauresque. Ambas as imagens são ilustrações presentes em *Un An à Alger, excursions et souvenirs*.



Fonte: gallica.com

A cor negra no século XIX estava fortemente associada à sujeira e à degradação, enquanto a cor branca remetia à limpeza e à pureza – percepção racistas que, aliás, permanece até os dias atuais. Basta compararmos a Negra vendedora de Bolos (Figura 6) com a ilustração da Mourisca (Figura 7) coberta por uma leve seda branca e segurando um ramo de flores, imagem presente logo no início do livro, para vermos a forte contradição existente entre um exotismo que sexualiza a mulher oriental e a transforma em um objeto de desejo, e um exotismo que acentua a suposta degeneração e degradação das mulheres negras. Mas não nos deixemos driblar, ambas as representações são hostis, ainda que uma seja feita com o propósito de causar certa repulsa e a outra com o objetivo de atrair o olhar.

A análise realizada, que aqui abrange apenas uma pequena parte do relato turístico de Baudel, traz à luz uma série de discussões possíveis. Dentre elas, no entanto, destacamos como os discursos visuais e escritos contidos nesse relato são determinados por relações de hostilidade - e cremos ser válido ressaltar que compreendemos o preconceito, o racismo e a exotização como simultaneamente geradores e frutos dessa hostilidade. Essa percepção é relevante, pois partimos da tese de que tais relatos turísticos colaboraram na construção de imaginários turísticos sobre as então colônias norte-africanas, imaginários esse que permanecem até os dias de hoje, ainda que, em muitos casos, (re)significados.

Esperamos ter evidenciado que em uma situação de dominação brutal é impossível ter ocorrido exemplos da hospitalidade enquanto dádiva, balizada no tripé “dar, receber e retribuir”, tal como defendida por Marcel Mauss, em *Ensaio sobre a dádiva* (2008). O “dar” e o “retribuir”, em um contexto colonial, nunca será simultaneamente “livre e obrigatório”,

mas somente obrigatório, tendo em vista que não é uma relação de reciprocidade. O colonizado, tendo em vista a sua condição de oprimido, sempre esperará uma retribuição, mesmo que ela se limite, simplesmente, à ausência de uma punição. As trocas não são gratuitas, elas são compradas, e não por um valor monetário, mas, em muitos casos, com a própria vida.⁵

Essa reação de hostilidade, como apontam diversos críticos pós-coloniais, como Aimé Césaire, Edward Said, Albert Memmi, Frantz Fanon e Jean-Paul Sartre, está presente nas atitudes contrárias às obrigações, leis e regras impostas pelos colonizadores, como, a título de exemplificação, a imposição do ensino da língua francesa aos argelinos ainda no século XIX. Baudel parece concordar com a prática, e menciona, inclusive, a “resistência” dos habitantes locais.

Todos os governadores gerais que se sucederam em Argel, [...] numa palavra, que se interessam pelo futuro desta *nova França*, concordaram ao reconhecer que “a escola é o mais poderoso, e talvez o único meio eficaz de aproximar as tão diversas raças que a povoam”. [...] é a difusão *da nossa língua* nos *douars* e nas tribos. [Mesmo diante dos] muitos obstáculos [como a] apatia e resistência dos nativos. (Baudel, 1887: 148, ênfase adicionada).

E não são a “apatia” e a “resistência” formas de hostilizar o invasor? – pergunto eu ao leitor do artigo? Não há, portanto, a “conversa jogada fora” de a Paz Perpétua de Kant. As relações entre colonizadores e colonizados no contexto colonial, como transparece em *Un an à Alger, excursions et souvenirs*, foram sempre demarcadas por uma hospitalidade imposta ou pela hostilidade, muitas vezes, sanguinolenta, colocada em prática pelos que bravamente enfrentaram a dominação, como o emir Abd el-Kader, alma da resistência à colonização francesa da Argélia (Boidin, 2012). Há um trecho em particular, no relato turístico de Baudel que evidencia essa hostilidade, de ambos os protagonistas do processo colonizador, um embate que culminará, nos anos de 1950, com a Guerra de Independência Argelina:

A população europeia, exclusivamente dedicada à agricultura, já ascende a mais de cento e cinquenta mil pessoas e ocupa cerca de mil e duzentos mil hectares. [...] O que aconteceria se a colonização levasse o desenvolvimento necessário; se esta terra fértil, abandonada por séculos a palmeiras anãs, [...] se uma forte corrente de emigração fosse em direção ao norte da África e viesse a aumentar o número desses *intrépidos pioneiros que lutam com tanta energia contra os árabes sempre hostis* [...]. (Baudel, 1887: 109, ênfase adicionada)

O que nós defendemos aqui, portanto, é que o sacrifício, como dádiva, era realizado, sim, mas pelos combatentes, que lutavam certamente por interesses pessoais, mas, igualmente, por uma causa: a expulsão do opressor. Afinal, o colonizador sempre busca domesticar o outro. Domá-lo. E o colonizado, diante dessa relação, só pode se submeter ou lutar.

⁵ As reflexões aqui tecidas tiveram como base os textos do livro *Hospitalidade e dádiva: A alma dos lugares e a cultura do acolhimento* (2017). Curitiba: Editora Prismas, organizado por Leandro Brusadin.

O sujeito dominado, acreditamos, só pode ser “gentil” ou hospitaleiro em um contexto de dominação brutal se não for de modo altruísta, mas, como argumentado por Jacques Derrida em seus escritos (Derrida, 2003), por esperar uma retribuição qualquer, ainda que indefinida e incerta, como não ser surrado em praça pública por não ser subserviente. A hospitalidade, portanto, é um ato político que dá condição de sobrevivência ao colonizado. Ela, nesse sentido é sempre calculada. A hospitalidade incondicional, tal como utopicamente desejada por Derrida seria impossível em um contexto colonial. O invasor francês, o dominador, o explorador não têm direito à hospitalidade desinteressada na Argélia ou na Tunísia de fins do século XIX, mesmo que seja ele somente um turista atraído pelos relatos e imagens de um exotismo colorido e sedutor *à la Delacroix*. As relações estabelecidas ou são de interesse, ou, julgamos, de uma hostilidade aberta e palpável.

Desse modo, podemos falar que o que vigorou nos contextos coloniais foi uma ‘antidádiva’, pois o que ocorreu foi uma invasão, com deliberados atos de extrema agressão, usurpação dos recursos locais e extermínio da população. Os colonizadores se sentiram tendo direito sobre o território, as pessoas, e até mesmo a sua cultura e sua religião. Os colonizados são hostis, de modo subjetivo ou explícito, por estarem sendo monopolizados, violentados e discriminados (Santos, Perazzolo & Ferreira, 2017). Não sem razão, a ideologia do sistema colonial, com seus mecanismos de opressão, “o racismo e o terror”, foi chamada por Albert Memmi, em *The colonizer and the colonized* (1965: 9), como uma variante do fascismo, sendo o colonizador “um usurpador ilegitimamente privilegiado”.

4. Considerações finais

Da análise empreendida e das reflexões acima tecidas, concluímos que os relatos turísticos sobre os territórios colonizados pelos franceses no Norte da África difundiram, por meio de imagens e textos, estereótipos que definiram seus habitantes como “bárbaros”, “apáticos” e “sensuais” – dentre outros adjetivos nada enaltecedores – e contribuíram para justificar o colonialismo ‘civilizador’ das grandes potências europeias. Essa produção, cuja parte visual segue a mesma tendência das pinturas orientalistas que circulavam então, possibilita verificarmos que hostilidade e hospitalidade se confundem e se misturam nesses relatos destinados a estimular os viajantes europeus a conhecerem os territórios colonizados.

O artigo, certamente, possui as suas limitações, pois faz parte de uma pesquisa muito mais complexa, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Turismo e Patrimônio da Universidade Federal de Ouro Preto, em colaboração com as pesquisadoras da linha de pesquisa “Turismo: estudos críticos da imagem e do discurso”, do Grupo de Pesquisa “Estudos integrados em Turismo e Humanidades” (CEFET-RJ), da qual sou a líder junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Brasil (CNPq).

Na pesquisa acima mencionada, outros relatos turísticos sobre a Argélia de finais do século XIX estão sendo analisados, novas e significativas conclusões sendo alcançadas e percepções sobre como esse imaginário tendencioso chegaram, ressignificadas ou não, aos dias de hoje. Ao todo estão sendo analisados com profundidade cinco relatos turísticos ilustrados, sob diferentes aspectos que não somente o do exotismo e da hostilidade, o que

promete um trabalho final, na forma de dissertação, muito mais completo que o artigo aqui apresentado ao leitor.

Referências

- Baudel, M.-J. (1887). *Un an à Alger, excursions et souvenirs*. Librairie CH Delagrave.
- Boidin, C. (2012). Le Jugurtha des Français? Représentations d'Abd el-Kader dans la littérature et la culture de jeunesse françaises à l'époque coloniale. *Strenæ*, 3, s/p. <https://doi.org/10.4000/strenae.474>
- Brusadin, L. B. (Org). (2017). *Hospitalidade e dádiva: A alma dos lugares e a cultura do acolhimento*. Editora Prismas.
- Carceff, A. O. (2017). *Au Pays des vendeurs de vent*. Pu Provence.
- Dazzi, C. (2021). A Casbah e seus encantos - continuidades do imaginário das pinturas orientalistas nas propagandas turísticas de Argel. *19&20*, 41, 1-10. <https://www.doi.org/10.52913/19e20.XVI1.01>
- Dazzi, C. (2022a). Patrimônio cultural e imaginário turístico - L'Algérie contemporaine illustrée (1881) de Mary Elizabeth Herbert. *Caderno Virtual de Turismo*, 22, 69-85. <http://dx.doi.org/10.18472/cvt.22n2.2022.2005>
- Dazzi, C. (2022b). 'A Captura da Smalah' de Vernet e a Realidade Sombria da Invasão da Argélia (1840). In *Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em tempos sombrios* (pp.185-197). CBHA.
- Dazzi, C., Azevedo, S.C.B. & Loureiro (2021). Publicidades turísticas do Magrebe: (des)continuidades do imaginário da pintura orientalista do oitocentos. *Cultur: Revista de Cultura e Turismo*, 15(1), 1-27.
- Derrida, J. (2003). *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*. Escuta.
- Elias, N. & Scotson, J. L. (1965). *The established and the outsiders. A sociological enquiry into community problems*. Frank Cass & Co.
- Gallois, W. (2013). *A History of violence in the early Algerian colony*. Palgrave Macmillan.
- Garcia, R. (1984). *L'Arrachement. Genèse de l'exode des Européens d'Algérie (1830-1962)*. Gilleta.
- Gautier, T. (1865). *Loin de Paris*. Michel Lévy Frères, Libraires Éditeurs.
- Gravari-Barbas, M & Graburn, N. (2012). Imaginaires touristiques. *Via-Tourism Review*, (1,) 1-34. <https://doi.org/10.4000/viatourism.1180>
- Hastaglou-Martidinis, V. (2003). Visions of Constantinople/Istanbul from the 19th Century Guidebooks. *Journeys: International Journal of Travel and Travel Writing*, 4 (2), 40-57. <https://doi.org/10.3167/146526003782487683>
- Herbert, M. E. (1881). *L'Algérie contemporaine illustrée*. Victor Galmé.
- Huttenback, R. A. (1973). The British Empire as a "White Man's Country". Racial Attitudes and Immigration Legislation in the Colonies of White Settlement. *Journal of British Studies*, 13(1), 108-137.
- Isnart, C., Mus-Jelidi, C. & Zytnicki, C. (Dir.). (2018). *Fabrique du tourisme et expériences patrimoniales au Maghreb, XIXe-XXIe siècles*. Centre Jacques-Berque.
- Kant, I. (1983). *Perpetual peace and other essays*. Hackett Publishing.
- Manai, A. (2018). The origins of Tunisian Tourism. *Journal of Mediterranean Studies*, 27 (1), 49-61.
- Mason, P. (1998). *Infelicities. Representations of the exotic*. The Johns Hopkins University Press.
- Mauss, M. (2008). *Ensaio sobre a dádiva*. Edições 70.
- Memmi, A. (1965). *The colonizer and the colonized*. Beacon Press.
- Piesse, L. (1862). *Guide Joanne. Itinéraire historique et descriptif de l'Algérie*. Hachette.
- Reuss, L.-J.-M. (1884). *A travers l'Algérie*. Librairie Générale de Vulgarisation.
- Sadeghi, Z. & Royanian, S. (2016). Social Darwinism and the inevitability of colonialism. First International Congress of Linguistics and Foreign Literature. The University of Tehran.
- Saïd, E. (1994). *Culture & Imperialism*. Vintage.
- Salazar, N. (2010). *Envisioning Eden: Mobilizing imaginaries in tourism and beyond*. Berghahn.
- Salazar, N. (2015). Imaginary, tourism. In *Encyclopedia of Tourism*. Springer International Publishing.

- Santos, M. M. C., Perazzolo, O. & Ferreira, L. T. (2017). Dádiva e antidádiva: Reflexões sobre aceitação e rejeição. In L.B. Brusadin (Org.), *Hospitalidade e dádiva: A alma dos lugares e a cultura do acolhimento* (pp.83-98). Editora Prismas.
- Stancik, M. A. (2005). Os Jecas, do literato e do cientista: Movimento eugênico, higienismo e racismo na Primeira República. *Revista Publicatio Ciências Humanas Linguística, Letras e Artes*, 13 (1), 45-62. <https://doi.org/10.5212/publ.humanas.v13i1.535>
- Schaub, N. (2015). Découverte picturale de l'Algérie: Des artistes militaires au service de la conquête des territoires. In N. Bourguinat (Ed.) *L'invention des Midis: Représentations de L'Europe du XVIII et XX Siècles* (pp.77-90). Presses Universitaires de Strasbourg.
- Sessions, J. (2009). Unfortunate necessities: Violence and civilisation in the conquest of Algeria. In Patricia M. E. Lorcin; Daniel Brewer (Eds.). *France and its spaces of war - Experience, memory, image*. (pp.29-44) Palgrave Macmillan.
- Smith, M. J. (s.d). *'The Arts of Beauty': Female Appearance in Nineteenth-Century*. British Library Newspapers. Cengage Learning.
- Staszak, J-F. (2008). Qu'est-ce que l'exotisme?. *Le Globe, Revue genevoise de géographie*, 148, 7-30.
- Vendôme, H. de Be. (1928). *Notre voyage en Afrique (Algérie, Tunisie, Maroc): Reproduction intégrale du manuscrit de S.A.R. Mme la duchesse de Vendôme. L'Algérie / avec une introduction de Louis Bertrand de la Académie Française*. Éditions de la Gazette des Beaux-Arts.
- Zytnicki, C. (2013, maio). Bienvenue en Algérie coloniale!. *L'Histoire*, 387.

CAMILA CARNEIRO DAZZI possui doutorado em História e Crítica da Arte pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2011), mestrado em História, linha em História da Arte, pela Universidade Estadual de Campinas (2006). Realizou estágio pós-doutoral, junto ao Dipartimento di Discipline Storiche da Università degli Studi di Napoli Federico II/Itália, com bolsa concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Atualmente cursa seu segundo Mestrado na Universidade Federal de Ouro Preto, no Programa de Pós-graduação em Turismo e Patrimônio, desenvolvendo dissertação sobre os relatos ilustrados de viagem do século XIX e a constituição de imaginários turísticos sobre as colônias francesas no Norte da África. É docente titular do quadro permanente do Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio de Janeiro, onde lidera o Grupo de Pesquisa "Estudos integrados em Turismo e Humanidades", cadastrado no (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), atuando na linha "Turismo: estudos críticos da imagem e do discurso". É criadora e editora responsável pela revista 19&20, desde 2006. É membro do Comitê Brasileiro de História da Arte (CBHA) e da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP). Endereço institucional: Departamento de Turismo (COGETNF), Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio de Janeiro (CEFET-RJ), Avenida Maracanã 229, Maracanã, Rio de Janeiro - RJ, CEP 20271-110, Brasil.

Submetido 13 janeiro 2023

Aceite 10 abril 2023